

Da destruição do corpo feminino à criação da posterioridade: estética da reação e o antagonismo à violência discursiva

Fernanda Barboza de Carvalho Nery* 

A partir da compreensão sedimentada ao longo das décadas pela crítica literária feminista, de que o corpo feminino quando representado constitui-se uma matéria imperativamente política, faz-se necessário perceber como a autoria feminina contemporânea tem fomentado uma espécie de transgressão e ruptura frente às imagens comuns de subalternização e, por consequência, de violência associadas ao corpo feminino. No seio da referida violência representativa, concebida sob a égide hegemônica, considera-se dois segmentos: a deformação dos corpos femininos, relacionada principalmente às imagens opressivas sobre o que é ser mulher, e, também, o respectivo e prolongado silenciamento das mulheres na construção de sua própria subjetividade.

Nesse sentido, através da acepção que considera a força representativa persistente nas elaborações artísticas das mulheres, pretende-se demonstrar o desenvolvimento, em curso, de uma nova estética no contemporâneo, a qual intitulo *estética da reação*. Tal estética concebe os corpos femininos pela ótica que restitui a sua humanidade, configurados, desse modo, essencialmente, como desejanter, sustentados em uma autorreferenciação que nega o silêncio direcionado à margem. Dito isso, a fim de acompanhar o antagonismo frente às violências representativas, este artigo propõe uma análise na perspectiva da estética da reação das músicas *Hysteria* e *Que estrago*, da cantora Letrux (2017a, 2017b).

Violência representativa: entre a deformação e o silenciamento

A violência representativa direcionada ao feminino se estabeleceu principalmente por duas vias que se retroalimentam: as distorções representativas que com frequência invadem o imaginário coletivo e a impossibilidade do acesso efetivo das mulheres à produção de sua própria subjetividade, o que configurou, nesse sentido, uma espécie de silenciamento. Acerca das distorções representativas Sandra Regina Goulart Almeida (2012) elabora, no artigo intitulado *Corpo e escrita: imaginários literários*, uma análise sobre a utilização de imagens relacionadas à

* Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. E-mail: fernandabcnery@gmail.com.

submissão feminina na construção dos mitos fundadores dos continentes colonizados: América, África e Ásia enquanto *terras virgens* a serem *violadas*.

Desde os primeiros relatos de possíveis encontros coloniais entre a Europa e outros povos da América, África e Ásia, a terra a ser conquistada ocupava presença marcante no imaginário coletivo europeu. [...] *O corpo feminino passa, então, a simbolizar metaforicamente a terra conquistada e serve de instrumento para apropriações de imagens que remetem ao encontro dos dois mundos por meio de oposições de gênero.* Em várias narrativas fundadoras não somente das Américas, mas também da África e da Ásia, a mulher nativa aparece como símbolo de um mito de origem fundador, ocupando um lugar relevante no imaginário nacional e corroborando na construção de uma identidade local, a serviço de uma ideologia que procura justificar a empreitada colonizadora (ALMEIDA, 2012, p. 95, grifo meu).

A partir desse trecho é possível vislumbrar que a violência direcionada às mulheres transpõe o âmbito das estruturas sociais. Nesse sentido, a percepção de que as distorções imagéticas das mulheres, no cerne da literatura, operam há uma distância temporal muito profunda, ajuda à compreensão de porque o rompimento do silêncio feminino, no seio das produções artísticas foi por muito tempo, e ainda é, uma pauta de extrema relevância da crítica feminista. A esse respeito, em *The laugh of Medusa*, Hélène Cixous (1976), afirma que a reconstrução do imaginário das mulheres deveria ser mediada pela escrita. Desse modo, a escrita seria capaz de subverter a violência das ideias estatizadas, estabelecidas pelo silêncio.

É escrevendo, de e para as mulheres, e assumindo o desafio da fala que foi regido pelo falo, que as mulheres se afirmarão mulheres em um lugar diferente daquele que é reservado no e pelo simbólico, ou seja, em um lugar que não seja o silêncio. *As mulheres devem escapar da armadilha do silêncio* (CIXOUS, 1976, p. 881, tradução minha)¹.

Quarenta e dois anos após a primeira publicação de *The laugh of Medusa* as reflexões propostas por Cixous (1976) ainda se fazem necessárias para o desenvolvimento de um pensamento crítico que intencione perceber, na produção artística feminina contemporânea, os rastros de resistência concernente à delimitação do corpo feminino. Nesse sentido, a estética da reação se estabelece enquanto um ato de resistência da autoria feminina, concebida pela construção de imagens positivas direcionadas às mulheres, pela representação do corpo feminino enquanto estrutura marcadamente política e, inevitavelmente, subversiva. A escolha do termo

¹ Do original: "It is by writing, from and toward women, and by taking up the challenge of speech which has been governed by the phallus, that women will confirm women in a place other than that which is reserved in and by the symbolic, that is, in a place other than silence. Women should break out of the snare of silence" (CIXOUS, 1976, p. 881).

reação faz referência a uma estética que é capaz de transgredir o poder discursivo estabelecido. Nesse sentido, para pensar o campo de forças existente na sociedade, recorre-se a proposição de Gilles Deleuze ao longo de *Nietzsche e a filosofia* (1976), que classifica as forças em dominantes (ativas) e dominadas (reativas). As forças reativas, as forças de resistência estão, impreterivelmente, vinculadas à negação das forças dominantes. Sua existência se explica pela urgência do contraponto.

A estética da reação, ao ser concebida pelas forças reativas, no cerne das produções culturais, contrapõe, enfim, as violências proporcionadas pelo sistema representativo das forças dominantes, que enquadram o feminino sob a ótica da subalternização. Destaca-se assim, a produção artística de Letrux (2017a, 2017b) que, ao estabelecer a proeminência do corpo feminino nas suas elaborações artísticas, impulsiona o antagonismo à fragmentação do imaginário feminino elaborado no cerne das forças do poder estabelecido, persistentes no cânone literário².

Letrux e a resistência da fala

Letrux, nome artístico de Letícia Novaes, é uma cantora, compositora, escritora e atriz carioca. Até 2016, integrava, junto ao músico Lucas Vasconcellos, o duo de MPB chamado Letuce. Em 2017, a partir do lançamento do álbum *Letrux em noite de climão*, nasceu o seu novo projeto, Letrux³. *Letrux em noite de climão* apresenta temáticas concernentes ao espaço da mulher na sociedade, à sexualidade e à autoafirmação. Nas suas composições, a cantora rejeita as caracterizações comuns associadas às mulheres, constituindo-se uma importante voz para a autoria feminina contemporânea. Nessa esteira, ao ser questionada sobre a força da música como modo de projetar um certo tipo de resistência das mulheres frente às tentativas de subjugação do patriarcado, a artista afirmou que a *fala* é, por excelência, o elemento de resistência.

A resistência é falar, é tocar em assuntos que querem passar por tabu. Eu tenho palavrão nas minhas músicas. No Letrux em noite de climão, tem uma música sobre sapatonic. Ainda hoje querem nos encaixar em categorias de princesas, mas tem horas que eu não me freio. [...] Liberdade é não ter medo. [...] Eu abordo temas de sexo, eu abordo questões malucas sobre

² “Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta, portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos” (ZOLIN, 2009, p. 327, grifo meu).

³ Posteriormente, em 2020, lançou o álbum *Letrux aos prantos*, e em 2021, publicou o segundo livro, intitulado *Tudo que já nadei*. A autora tem outro livro, publicado em 2015, intitulado *Zaralha*: abri minha pasta, assinado com o seu nome próprio, visto que à época, o projeto Letrux ainda não existia. Ao longo dos anos, a obra de Letrux tem sido referenciada no seio de algumas esferas de legitimação, como, por exemplo a conquista do prêmio de melhor disco, na categoria SuperJúri do Prêmio Multishow de 2017. Destaca-se, também, a indicação ao Grammy Latino de 2020, do álbum *Letrux aos prantos*, na categoria Melhor Álbum de Rock ou de Música Alternativa em Língua Portuguesa.

as quais minha avó jamais poderia cantar. Minha avó fica até meio assim (risos), mas ela me admira, ela fala que, hoje em dia, pode fazer tudo e fica maravilhada. Mas a música tem esse poder, essa liberdade contemporânea de você poder falar a letra que você quiser, quando há alguns anos a censura proibia. Então, agora é a hora da gente falar tudo que a gente quiser (LETRUX, 2020, grifo meu)⁴.

Ao incorporar aspectos de resistência em suas produções artísticas e projetar a recusa ao silenciamento, Letrux (2020) parece transpor a *armadilha do silêncio*, mencionada por Hélène Cixous (1976), construindo elementos para o desenvolvimento de uma nova subjetividade relativa ao feminino. Nesse sentido, por compreender que a obra de Letrux (2017) elabora, no contexto da autoria feminina, temas que não eram tratados com naturalidade e projeta a imagem de um corpo feminino insurgente, que nega acepções reverberadas ao longo do tempo, como por exemplo, a idealização da mulher enquanto “princesa”, percebe-se a sua relevância no seio da composição da estética da reação. A fim de identificar os elementos de resistência, mediados pela fala da artista, utilizam-se, como exemplos de sua obra, as músicas *Que estrago*, quarta faixa do disco *Letrux em noite de climão*, e a música *Hysteria*, lançada, também, em 2017 para o fortalecimento do projeto *Hysteria*⁵.

Hysteria: a invenção da posterioridade

Para acompanhar as elaborações artísticas das mulheres que se impõem, sobretudo, pelo acesso à fala, faz-se necessário também, vislumbrar como esse espaço foi alcançado ao longo do tempo. No famoso *The madwoman in the attic*, Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979) observam que o acesso à fala literária pelas mulheres é, frequentemente, submetido à uma espécie de violência epistemológica, constituída pela imposição da autoridade discursiva masculina presente no cânone literário, e causa, desse modo, uma ansiedade no seio da autoria feminina. Tal violência perpetuou o *status* oprimido das mulheres na sociedade, visto que impossibilitadas de representar a sua própria subjetividade, e subverter, através da fala, imagens distorcidas de seus corpos, estariam, enfim, impossibilitadas de criar uma posterioridade diferente.

Um texto literário não é apenas uma fala literalmente incorporada, mas também um poder misteriosamente manifestado, feito carne. Na cultura patriarcal ocidental, portanto, o autor do texto é um pai, um progenitor, um procriador, um patriarca estético cuja caneta é um instrumento de

⁴ “Minha avó sofreu muito por questões de machismo há 60 anos e é muito louco pensar que isso não faz muito tempo. Tomara que a gente continue evoluindo. A música é a maior arma, ela tem um poder muito forte de abrir, de expandir a cabeça das pessoas. E nem precisa ser com letras explicitamente políticas. Só de ter uma mensagem, de ter uma emoção, de ter uma coisa, aquilo pode fazer você pensar em algo novo, mirando pro futuro, pra igualdade, pro respeito, pra empatia” (LETRUX, 2020).

⁵ *Hysteria* é uma plataforma digital de conteúdo direcionado às mulheres.

poder gerador [...], não é apenas a capacidade de gerar vida, mas o poder de criar uma posteridade (GILBERT, GUBAR, 1979, p. 6, tradução minha)⁶.

A herança dos progenitores representativos, que geram a vida e inventam corpos femininos deformados apenas seria reivindicada pelo acesso discursivo das mulheres à obra de arte, pela capacidade representativa de também gerar a posteridade e construir a autoidentificação feminina. Sobre essa questão, importa referenciar o trecho da música *Hysteria*, composta em 2017 por Letrux. Na música, a autora questiona os padrões relacionados a práticas de feminilidade como imperativos à construção do que é o feminino, associado nesse sentido a características como “bunda”, “cabelo grande” e “maquiagem”.

They try to sell me shampoo *with their asses*
 They try to sell me their cars *with their long straight hair*
 And all I wanna do is to go to the beach and get some sun on my teets
 They told me I should be maked up everyday
 They made fun of my large pants
 [...]
 Mulher presença
 Mulher princípio
 Eu tava dentro da minha mãe
 Minha mãe tava dentro da minha avó
 Minha avó tava dentro da sua mãe
 Não tem fim (LETRUX, 2017a, grifo meu)⁷.

Ao expor que é possível estabelecer corpos femininos que superam imagens estatizadas como, por exemplo, o *topless* ou a utilização de calças folgadas, Letrux (2017a) demonstra que a limitação representativa restringe a experiência de cada indivíduo. A linguagem que limita e subalterniza é muito mais que uma mera representação da realidade violenta, “ela é, em si mesma, violência” (MORISSON, 2019)⁸. Ademais, os versos que encerram a canção estabelecem exatamente a continuidade da vida feminina e a sua persistência ao longo do tempo, dotada sobretudo pelo fato de que a geração de vida, advém, efetivamente, dos corpos femininos. Desse modo, a sua memória deve ser associada às mulheres, não a construções imagéticas elaboradas por grupos hegemônicos, os dominantes, o poder ativo.

⁶ “A literary text is not only speech quite literally embodied, but also power mysteriously made manifest, made flesh. In patriarchal Western culture, therefore, the text’s author is a father, a progenitor, a procreator, an aesthetic patriarch whose pen is an instrument of generative power [...] is not just the ability to generate life but the power to create a posterity” (GILBERT, GUBAR, 1979, p. 6).

⁷ Importa falar que a música traz, em sua letra, um trecho do *Interlúdio* presente em *Letrux em noite de climão*: “Yo dentro de mi madre/Mi madre dentro de mi abuela/Mi abuela dentro de su madre/ Dentro dentro” (LETRUX, 2017b).

⁸ A referida citação diz respeito a um trecho do discurso de Toni Morrison durante o Prêmio Nobel de Literatura de 1993. Na ocasião, a escritora desenvolveu uma sensível reflexão sobre o poder da linguagem e, por consequência, da representação enquanto agente essencial à percepção do que é o mundo.

A convocação ao fortalecimento da memória no último trecho da música, “Eu tava dentro da minha mãe/Minha mãe tava dentro da minha avó/Minha avó tava dentro da sua mãe/Não tem fim” (LETRUX, 2017a), evoca o que há de essencial à estética da reação: produções artísticas que estabelecem o corpo feminino enquanto estrutura positivamente associada e que se opõem às imagens de subalternidade que, ao longo dos séculos, estiveram presentes no imaginário subjetivo das mulheres.

Que estrago: sexualidade e a imposição do desejo feminino

Um outro exemplo da *estética da reação* na obra de Letrux (2017b) diz respeito à música *Que estrago*, que trata de uma referência à lesbianidade apresentada em uma esfera de espontaneidade. Desse modo, observa-se no trecho referenciado, a construção de uma ruptura representativa que enquadra as mulheres em papéis sociais preestabelecidos, vinculados nesse caso à impossibilidade do desejo, persistentes nos corpos femininos.

E que estrago que cê fez lá na minha casa
 E que estrago que cê fez lá na minha cama
 Garota, toma tenência
Garota, me põe pra jogo
E que olhada que cê deu aqui na minha cara
E que milagre que cê fez com as duas mãos
Cuidado, o farol tá aceso
Cuidado, maré tá enchendo
 Suas pernas cruzadas
 Suas pernas abertas
 Sua boca lacrada
 Sua boca aberta
 Seu corpo fechado
 Seu corpo
 Por perto (LETRUX, 2017b, grifo meu).

Ao narrar a cena de corpos femininos em situação de sensualidade, Letrux (2017b) desnuda as palavras e constrói imagens sexuais sob uma alta carga de comichade, própria da linguagem utilizada pela artista ao longo de suas produções. Rejeita assim a violência representativa direcionada às mulheres lésbicas e aos seus corpos. Nesse sentido, demonstra-se por que a obra de Letrux (2017b) está impreterivelmente circunscrita na estética da reação. O *farol aceso* e a *maré enchendo* funcionam como elementos essenciais para descrever o desejo feminino que não é objetificado, questionado ou subalternizado. Ao afastar imagens distorcidas dos corpos femininos, e, muito além, colocá-los em situação de evidência, a artista promove uma resistência às violentas construções do olhar androcêntrico.

A relevância da representação da lesbianidade não objetificada contraria tanto a marginalização quanto a ausência de seus corpos na esfera representativa. Em

A *personagem do romance brasileiro contemporâneo*, Regina Dalcastagnè (2005) demonstra a esmagadora presença de personagens heterossexuais no âmbito do romance brasileiro. Ademais, dos personagens homossexuais, apenas 20,8% representam mulheres lésbicas (DALCASTAGNÈ, 2005). Nessa esteira, a construção artística, proposta por Letrux (2017b), em *Que estrago*, estabelece uma *reação* à cultura estabelecida, nesse caso, relativa ao apagamento das mulheres, manifestando desse modo, o fortalecimento da autoria feminina que expõe a proeminência dos corpos femininos. A referida proposição antagoniza a exclusão das mulheres lésbicas no âmbito da ficção. Para Adrienne Rich em *Heterossexualidade compulsória*, a criação cultural que não percebe as mulheres lésbicas enquanto existências comuns, está inevitavelmente imersa sob o viés da fragilidade. Afinal, tais representações excluem a humanidade persistente em cada grupo social e deformam os referidos corpos femininos.

Qualquer teoria ou criação cultural/política que trate a existência lésbica como um fenômeno marginal ou menos “natural”, como mera “preferência sexual”, como uma imagem espelhada de uma relação heterossexual ou de uma relação homossexual masculina seria, portanto, profundamente frágil, independente de qualquer contribuição que ainda tenha. (RICH, 2010, p. 22, grifo meu).

Considerações finais

A arte do poder hegemônico projetou ao longo tempo corpos femininos deformados, sobretudo, sob a égide da subalternização. Ao encarar o corpo feminino enquanto substância de resistência, as proposições artísticas construídas no seio da estética da reação expõem a urgência de antagonizar as violências impostas por representações que tendem a limitar a subjetividade feminina, fazendo nascer, a partir da recusa ao silêncio, uma nova posterioridade artística para as mulheres. Nesse sentido, a obra de Letrux (2017a, 2017b) desponta enquanto um forte exemplo acerca da representação que expõe a proeminência dos corpos femininos ao distanciá-los dos papéis sociais persistentes nas representações hegemônicas, como por exemplo, as associações ao comportamento de “princesas” ou as que evidenciam a impossibilidade ao desejo por parte das mulheres. A autoria feminina destrói, então, o corpo oferecido pela arte hegemônica, demonstrando desse modo, que a literatura é uma estratégia efetiva no fortalecimento da memória dos grupos impostos à margem. Diante desse cenário surge a *estética da reação*, constituída a partir da necessidade de estudos críticos que absorvam os ecos da arte feminina contemporânea e percebam no cerne de sua produção a recusa à perpetuação da ideologia dominante. Esta que rejeitou, ao longo dos séculos, a construção da própria existência pelas mulheres.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Corpo e escrita: imaginários literários. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 92–111, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2713/1579>. Acesso em: 22 jan. 2022.

CIXOUS, Hélène. *The laugh of the Medusa*. Trad. Keith Cohen e Paula Cohen. *Signs*, Boston, EUA, v. 1, n. 4, p. 875-893, 1976. Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/493306>. Acesso em: 22 jan. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p.13-71, 2005. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 27 jan. 2022.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffly Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 1979.

LETRUX. *Letrux aos prantos*. Rio de Janeiro: Edição Independente; Natural Musical, 2020. 1 CD.

LETRUX | Hysteria. *Hysteria*, 13 nov. 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pryzqo6Qi64>. Acesso em: 01 mar. 2022.

LETRUX. *Letrux em noite de climão*. São Paulo, SP: TRATORE, 2017b. 1 CD (ca.47 min.).

MORRISON, Toni. O discurso do Nobel de literatura. In: MORRISON, Toni. *A fonte da autoestima: Ensaios, discursos e reflexões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. E-book.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Trad. Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: www.cchla.ufrn.br/bagoas/vo4no5arto1_rich.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana.(org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

Recebido em 29 de abril de 2022.

Aprovado em 7 de junho de 2022.

Resumo/Abstract**Da destruição do corpo feminino à criação da posterioridade: estética da reação e o antagonismo à violência discursiva****Fernanda Barboza de Carvalho Nery**

Este trabalho integra uma série de composições teóricas relativas ao desenvolvimento do conceito denominado *estética da reação*. Parte-se da aceção de que a autoria feminina contemporânea emerge enquanto antagonista por excelência das violências, instituídas pelo poder hegemônico no seio da representação. Ao romper com a armadilha do silêncio (CIXOUS, 1976), a produção artística das mulheres, na referida estética, estabelece a possibilidade da construção de uma posterioridade, anteriormente associada apenas à cultura masculina (GILBERT, GUBAR, 1979; ZOLIN, 2009), através da elaboração de imagens do corpo feminino que assume, enfim, o seu lugar de corpo proeminente, de corpo desejante. Tal envergadura contraria proposições de subalternização disseminadas ao longo dos séculos (ALMEIDA, 2012), suplantando e, por consequência, destruindo as imagens oprimidas dos referidos corpos. Utiliza-se, assim, duas músicas da escritora e compositora Letrux (2017a, 2017b): a música single *Hysteria*, e a música *Que estrago*, do álbum *Letrux em noite de climão*, para que seja possível proceder, a partir do delineamento dos corpos femininos, à identificação dos traços reativos persistentes na autoria feminina contemporânea.

Palavras-chave: estética da reação, crítica literária, autoria feminina.**From the destruction of the female body to the creation of posterity: *estética da reação* and the antagonism to violence discursive****Fernanda Barboza de Carvalho Nery**

This work integrates a series of theoretical compositions related to the development of the concept called *estética da reação*. For this purpose, it is based on the sense that contemporary female authorship emerges as an antagonist to violence in the representation instituted by the hegemonic power. By breaking the snare of silence (CIXOUS, 1976), the artistic production of women establishes the possibility of building a posteriority, previously associated only with the male culture (GILBERT, GUBAR, 1979; ZOLIN, 2009). Through the elaboration of images of the female body that finally assumes its place as a prominent body, a desiring body. This proposition contradicts images of subalternization disseminated over the centuries (ALMEIDA, 2012), supplanting and consequently destroying the oppressed images of these bodies. Thus, two songs by the writer and composer Letrux (2017a, 2017b) are used: the single song *Hysteria* and *Que estrago*, from the album *Letrux em noite de climão*, so that it is possible to proceed to the identification of the persistent reactive traits in contemporary female authorship established from the delineation of the female bodies.

Keywords: estética da reação, literary criticism, female authorship.